

A Ética na Sociedade É Reflexo da Ética no Serviço Público? Ou Vice-versa?

Este título nos leva a analisar seu sentido, indagar sobre sua forma e inúmeros acontecimentos que observamos nas notícias e no comportamento cotidiano de representantes públicos e seus cidadãos. Desta maneira, faz-se necessário entender que a ética posta em prática, se torna moral, e que essa conduta é reflexo de valores e princípios próprios, pois cada ser humano reage como lhe é conveniente perante a determinada situação, seja esta estressante ou não.

Para que essa questão seja elucidada, devemos colocar sob a luz da razão aquilo que se chama de ética. O que é ética? Para esclarecer essa primeira pergunta utilizei Mário Sergio Cortella e ele define como, o conjunto de valores e ideologias de uma sociedade que fundamentam sua conduta moral. Isso se aplica em definir nossas ações através do que podemos, devemos e queremos que fazer, pois existem coisas que devemos mas não queremos, sucessivamente aquilo que queremos mas não podemos e em terceiro tem o que podemos mas não devemos fazer.

Seguindo a lógica da ética, que parte de um grupo maior da sociedade, entendo que antes do servidor público vem a sociedade, pois este segundo é que justifica a existência do primeiro, bem enaltecido inúmeras vezes por meu professor, o Mestre Amilton Luiz Rabello, portanto defendo aqui que a conduta do serviço público é consequência da conduta da sociedade, mas que isso pode ser melhorado.

Minha linha parte deste princípio pois, Segundo Priberam e Aurélio, consequência é, “1º Resultado natural, provável ou forçoso, de um facto. 2º Dedução tirada por meio de raciocínio de um princípio ou de um facto. 3º Conclusão dimanada das premissas. 4º Importância, alcance.” Então entende-se que o comportamento do servidor público é resultado do comportamento daqueles que permitem-se ser representados por estes servidores. Vamos justificar essa lógica!

O Brasil tem uma cultura em grande parte imediatista e hedonista, construída desta maneira historicamente desde sua colonização. Os portugueses levavam todas as especiarias e riquezas de barco para a colônia, correndo grande risco de perder toda a carga, ao invés de manufaturá-las e comercializá-las aqui, e levando somente os lucros. Nossa independência foi comprada, nossa cultura (em grande parte) é conhecida mundialmente por festas e esporte, e no mundo corporativo reclama-se que nós temos pouco compromisso com horários e obrigações (para maiores informações leia *Geography of Time* de Roberto Levine). Somos mestres em “fazer do limão uma limonada” e transformamos isso no “jeitinho brasileiro”. Mas a forma de encarar as responsabilidades de um cargo público levou este jeitinho para todas as tarefas e com a exploração das mídias esse segmento ficou com uma imagem denegrida, tanto que em época de eleições a frase mais comum é: - Político é tudo igual! É tudo ladrão!

Mas não vamos esquecer que o “jeitinho brasileiro” é parte de uma cultura criada por aqueles que nos antecederam e por nós perpetuada, sendo que ainda permitimos que a transformassem em uma conduta obtusa e desregrada, conduta essa, de fazer o mais fácil, o mais conveniente, o mais prático. Esse pensamento hedonista se reafirma quando colocamos o jeitinho brasileiro dentro do mercado nacional, pois a maioria dos consumidores ainda prefere pagar um financiamento do que economizar o valor e pagar mais barato no futuro.

Teoricamente esse comportamento é justificável, até certo ponto, por um pensamento do patrono da cidade de São Paulo, o apóstolo Paulo que diz: “Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém!”. Essa lógica do ponto de vista prático e filosófico é válida, se levarmos em consideração que nós quanto seres humanos, por sermos livres, somos capazes de qualquer ação, mas nem todas são aceitas pela sociedade e muitas trarão limitações as nossas vidas por causarem danos a terceiros. Mas em contraponto eu parafraseio Cortella mais uma vez, onde ele diz (citando o livro de Marcus) que: “De nada adianta o homem ganhar o mundo se ele perder sua alma! E o que é perder a alma? É perder a tua integridade, a tua hombridade, é perder a sua capacidade de ser honesto, transparente, digno, isto é, perder aquilo que nós não vamos levar e que é exatamente a nossa identidade!”

Levando em consideração as duas ultimas linhas de raciocínio, a construção da nossa cultura hedonista e a transformação do “jeitinho brasileiro”, devemos entender que essas duas situações sociais são formadas por atitudes cotidianas permissivas, que perseveram a existência de atitudes imorais por parte dos representantes populares e seus assistentes.

Hoje no Brasil, a classe trabalhadora e a classe empresária têm reclamado muito, no que diz respeito à carga tributária, e foram traçados inúmeros argumentos a favor da diminuição deste fardo que carregamos para sustentar o “paquiderme das despesas públicas”. Mas contra existe o argumento contundente de que o nível de endividamento da população e do setor privado nunca foi tão alto, criamos um retrabalho de crédito muito grande e a utilização de cheque-especial e cartões de crédito está completamente desregrada. Ainda se depende muito de ações governamentais para que o país se desenvolva e nossa política continua a trabalhar com uma ramificação de paternalismo forte em relação aos menos favorecidos. Ligue a televisão e assista um programa político, um jornal de crivo crítico, busque informações sobre o assunto, você verá que nós ainda não lutamos pela mudança, ao contrário, nós permitimos com o silêncio e a apatia de não pensar de maneira coletiva.

Arie Degeus, que trata de gestão do conhecimento, fala que a informação gera conhecimento e conhecimento altera o comportamento (quando assimilado), portanto buscar informação é sair da zona de conforto para que nós possamos evoluir quanto indivíduos e todos juntos possamos evoluir quanto sociedade. Ao invés de nos julgarmos auto-suficientes e independentes perante aos demais, vamos agir em conjunto para “alçarmos vãos maiores” e aproveitar do brilho que só a coletividade nos dá.

Antes de apontarmos os dedos para os políticos corruptos ou para assistentes de conduta transviada, vamos lembrar que nós somos responsáveis por permitir que eles tenham estas atitudes. Pois as nossas atitudes cotidianas que circunferenciam essa realidade que não controla ações imorais.

Vamos lembrar que Johann Goethe disse uma vez: “Só é digno da liberdade, como da vida, aquele que se empenha em conquistá-la!”. E nosso empenho começa agora, com nossos valores, nossos princípios e nosso comportamento ilibado por atitudes corretas e idôneas!